

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

Redacção e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 19 de Outubro de 1923

N.º 39 do 1.º Ano

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade FAFB

Como água...

Pois, claro está que quem pratica a doutrina cristã não faz bombas. Isto é para nós tão certo como aquela certeza que temos de que quem matou o cão foi o Baeta. Mas não é menos certo, para nós, é claro, que os que praticam o cristianismo não mentem, não caluniam, não infamam.

Estarei em erro? Ninguém o provará.

Ora, o autor do artigo, que com o título *Republica?*, se publica no «Gil Vicente» de 7 do corrente, mente, calunia e infama, quando diz que o regime foi gisado nas cavernas maçónicas; mente, calunia e infama quando repete a mil vezes desmentida lenga-lenga do bacalhau a pataco e das casas de graça; mente, calunia e infama, quando imputa ao regime e a alguns dos seus vultos em destaque intenções que nada justifica; mente, calunia e infama em todo esse monturo de patranhas em que não só as palavras, mas os próprios factos são deturpados.

Portanto, o autor do artigo a que me refiro não é cristão. E, como não é cristão, pode tratar de bombas. Ou cavar pés de burro, que vem a dar o mesmo.

Porquê?!

Poder-se-ha saber qual a razão porque em 5 de Outubro não hastearam a Bandeira Nacional as seguintes repartições?:

Conservatória do Registo Predial, Correios e Telégrafos, Repartição de Finanças, Caixa Geral de Depósitos, Banco Nacional Ultramarino, Banco de Portugal, Sociedade Martins Sarmiento, etc.

Será por falta de *pan* ou será por certas tonturas que ainda causam a muita gente as côres verde e encarnada?

A um parvo

Pelo simples motivo de não tomarmos a sério a enossa prosa em que pintava os seus devaneios monárquicos, e ainda por não ter compreendido — o rapaz é curto de vista — o alcance de certa frase, em nada ofensiva, como provaremos, quando e onde o creançaça quizer, o menino Bento Caldas, que alem de estúpido é malcreado, suja 2 columnas e picou do «Gil Vicente» com a fralda, digo, com um aranzel de insultos, com que pretende atingir todos os que neste jornal trabalham.

Pena é que o garotinho se safasse logo após a desova feita; e vai sem ameaça. Embora o não tomemos a sério, não iugiríamos a dar-lhe mais uma lição em que á farta se lhe provasse que, se o director de «A Razão» tem habilidade para a pesca e para a bisca — esta última é novidade — também a tem, e de sobejo, para encontrar as orelhas dos fraldiqueiros que tentam morder-lhe.

Entretanto...

Ainda queria que me dissessem, êsses pretenciosos profetas que á boca cheia apregoam a breve derrocada das ideias republicanas, ainda queria que me dissessem que voltas deram á razão para proclamarem aos quatro ventos que a *salvação do mundo* e suas adjacências está ou na política do snr. Mussolini ou na durindana de qualquer general arvorado por seu livre alvedrio em estadista.

Venho lendo com a máxima atenção o que se tem escrito sobre o que se passa na Itália do *fascismo* e na Espanha de Primo de Rivera, e, com franqueza o digo, nos extensos panegíricos dados a lume, pouco mais vejo do que uma adjectivação exagerada, sem menção de factos em que se escudem os que não escodam a sua má vontade contra o *liberalismo corrente e doentio*, para me servir dos termos de certo gongórico que não perde ocasião de dar a sua ferroada na Republica.

Nêsses panegíricos, nêsses hinos, em melhor ou peor prosa, mais ou menos *jaimista*, muito ou pouco integralista, sobressai aquêlê espirito *maarrastiano* de certas creaturas, que á viva força querem restaurar um passado, que nunca existiu, por sinal, e em tudo veem ou fingem vêr, em todos os males que affigem a humanidade, os perniciosos efeitos das doutrinas democraticas.

E tanta é a falha de argumentos em que se apoiam e tão falso é o campo que pisam, que alguns panegiristas não hesitam já em falsificar a verdade histórica, não vendo em Athenas mais do que um albergue de viciados e na Revolução francesa outra coisa que não seja uma fabrica de maleficios.

Entretanto, o telégrafo vai-nos dizendo que a situação da Italia não é nada desafogada e que na Espanha continuam as prisões de *pistoleiros*; como se outra não fosse a missão do dictador.

E com grande espanto nosso, ainda o telégrafo não disse que na democratica Inglaterra ou nas republicas da França e da Suissa se vai pensando na dictadura, a que recorreram as monarchias italiana e espanhola...

Deve sêr lapso ou erro de informação.

RIDENDO...

No «Equus» de 30-9, terminou D. Paiva I, o Couceiro, e como sempre fechou com chave de chumbo.

Conclue por negar aquilo que ele tem defendido, o Constitucionalismo. Os Manuelistas llo agradeçam e os Nunistas o aclamem.

—O mesmo Equus, de 7-10 apresenta logo de entrada um cartão de parabens a D. Amélia de Orleans, francesa de nascimento, jesuíta de temperamento, e *rata-sabia* das intrigas do Paço. Faz bem o Equus. Enxuga a lágrima e desabafa.

O que eu não sei é se o Equus se lembra dumas certas coisas ácerca dessa senhora que o «Correio da Noite» doutros tempos, dizia, e mais o Alpoim, e mais etc. e tal e coisas, oh Rosa... Mas enfim, é preciso alimentar o fogo sagrado.

—No artigo «Ditadores» diz o tipo que não ha generais em Portugal como em Espanha.

Oh menino, olha que se vês

o Hipólito ou a sombra dele, não sabes onde te has-de esconder. Aquele vai mesmo á palmatoadá. Não te lembras, oh trauliteiro?!

—O sr. Bento Caldas que escreveu no «Gil», veio para o Equus dar fochinhada bravia.

Ora o pandego, pela idade que tem, ainda não está dispensado dumas certas formalidades que as mulheres não lhe podem satisfazer. Mas... mesmo assim, novinho e lecego, é atrevido e malcreado. Lá isso é que ele é. E senão, é lêr o artigo «5 de Outubro». A fingir graça e a pretender ter espirito, o menino serve-se dos logares comuns do «Equus» para anavallar a Republica, mas da leitura resalta um certo cheiro a paninhos brancos que até mete graça. Apanhou a dente aquela de *negociante de figos* e pronto.

Mas ó Bentosinho, oh amorzinho, oh rouxinol; para se ser Chefe de Estado, será indispensavel ser inconstante como o marido de Leonor Teles, ou impotente como D. Afonso VI, ou covardote como D. João IV,

ou amante de todas as freiras como D. João V, ou de alturas superiores ás da Pinha como o marido de Carlota Joaquina, ou imbecil como D. Maria I, ou femceiro como D. Carlos, ou fuge *que te malaar* como D. Manoel, o da Ericeira?

O que foi realmente pena, foi o tal Bentosinho não ter ido a Lisboa á posse do Presidente. Não seria êle que iria montado num camêlo, mas o camêlo é que lá estaria, e naturalmente teriamos de ir admirar o Bentosinho ao Jardim Zoológico.

Ele sempre aparece cada *pe-tit-enfant*!!!

* * *

O «Gil Birrento» de 30-9, na local «Unicos» pretende ferir-me. Ora em resposta isto:

Não temos medo a *saneamentos*. Ganhamos o que comemos com lisura e com trabalho. Nunca andou o nosso nome por tribunais envolvido em questões escuras. Cumprimos inflexivelmente o nosso dever, e ácerca das nossas convicções

A solução do Bento

O Bento é um rapaz bem apresentado, de cabelos louros de preto (carapinha dourada, de fidalgo), e anda na Universidade de Coimbra.

Não sei se em casa lhe chamam *doitor*, mas se o fazem pro-veito lhe faça.

Agora que lhes apresentei o Bento, devo dizer-lhes que, em férias, se entretém a fazer e apregoar soluções.

Mistura de caca (não leva cedilha) e parvoice: eis a fórmula da solução bentina. Muito simples e de grandes efeitos.

Bento, não levo nada pelo reclame á miraculosa resolução. E sabes porquê? Porque é sempre com comoção que me recordo que Bento era o burro que bafejou o Menino Jesus nas palhinhas.

Ridículos

A igreja paroquial da freguezia de Refojos (Cabeceiras de Basto) está interdita; há um mês que ali se não pratica o culto.

Querem saber porquê? Faleceu naquela vila uma senhora dignissima; por uma daquelas infelicidades que tantas vezes acontecem na vida era divorciada e casada novamente, á face da lei. Católica como sempre fóra, pediu os sacramentos á hora da morte; negaram-lhos. Após o seu trespassse foi o cadaver depositado na igreja; tanto bastou para os *dignissimos* ministros de Cristo (oh irrisão!) sem pejo e sem respeito pela memória duma morta se servirem desse pretexto para manifestar o seu ódio ás leis da Republica.

Como se um casamento civil fosse pior do que a incebia, do que o adultério, do que a prostituição, do que o roubo ou do que o assassinato!

Como se tu não desses os sacramentos e não acompanhasses todos os dias á sua última morada, assassinos, prostitutas e ladrões, oh padre *casto e inocente*!

E, afinal, que lucrastes vós com isso? Ninguém se mexeu... Queríeis uma parada pública, supplicas, abaixo-assinados?...

Que ridícula figura estais fazendo!

não daves licença ao «Gil Birrento» nem a qualquer intrigaleiro ou intrigolista de as pretender amesquinhar. Não somos corifeus de regimens de cacete ou de adiantamentos. Percebeu?

Outubro de 923.

LÊDECÊ.



REPUGNANCIA

...ter no «Ecos de Guimarães» um mordaz artigo, com bem pouca espirito por sinal, do Sr. Bento Caldas, eu que não sou um excitado porque atendo sempre ao que de pratico pode advir, eu que tenho assistido aos mais variados e terríveis ataques a Republica e aos seus homens, aos ataques mais vis e mais perniciosos, senti-me possivelmente degoço, de repugnancia perante tão pestilentas e as atiradas a publico com uma desfaçatez unica. Evidentemente que das colunas de um jornal republicano qualquer articulo com relativa facilidade rabiscaria meia duzia de linhas em que, desde ladões e assassinos, fossem alcunhados os homens do partido monarchico, quer fossem probos, quer não. Tal attitude não tem sido tomada porém, porque repugnam sempre esses processos contrarios a nossa educação, bem mais fidalga que a de muitos fidalgos... heras. A' nossa consciencia repugnaria o ter-se sido violento em demasia embo... tal attitude nos convidem por vezes os jornais monarchicos na sua linguagem felina e idiota.

O Sr. B. C. insulta o Chefe do Estado, o primeiro magistrado do País, cujas colunas se enlameariam, se não houvessem que tocar qualquer parte corporea do mesmo Sr.

O Sr. B. C. não possuindo qualidades suficientes para poder avaliar as porcas que vomita, não sabe ao que de facto se arrisca, porque se o soubesse, se tivesse uma perfeita compreensão dos seus deveres e das suas

responsabilidades, evitaria mesmo molestar os proprios tapetes que S. Ex.^a o Presedente da Republica calca. Nego-lhe autoridade e até idade para poder discutir a personalidade do Chefe de Estado. Que a primeira figura da Nação seja criticada por homens de valor, mas mesmo nunca ferida, compreende-se; mas que seja atingida pelos ditos, com pretensões a espirituosos, de qualquer Sr., não se pode admitir, muito principalmente quando esse Sr. é uma criança.

Estou convencido que os proprios leitores monarchicos do «Ecos» e até os jornaes da cor azul e branca, ao lerem tanta imundicie, sentir-se-hão vexados com a indecente attitude tomada por um correligionario ainda imberbe, movido pelo reservado e parvo intuito de se tornar notado, o que é prova bastante da sua inepecia.

Basta Sr. Bento Caldas. Discuta politica, preços de gêneros e da libra. Discuta tudo o que queira, mas não mais se dirija em termos impróprios ao primeiro representante da Nação.

E ao jornal que se permite, por falta talvez de colaboração—porque outro malivo não vejo para o justificar—franquear as suas colunas a quem não está sequer no uso dos seus direitos civis e politicos, atrevo-me a dizer-lhe, já que não sabe, que pelo Chefe de Estado se tem o devido respeito—aquele respeito e aquela consideração que por Ele tem as proprias potencias estrangeiras.

Xerxes.

Os 3 Caldas

As lamparinas monarchicas cá do berço tem sido muito felizes na escolha dos colaboradores.

Entre os seus ornamentos brilhantes, quer pela honestidade, quer pela audacia ou ainda pela intelligencia, os 3 Caldas.

Três talentos sem rival.

Conhecem-nos, não é verdade? E' uma trindade muito completa. Senão vejamos:

O Cándido (que tentação de nome!), o d: Sernancêlhe, é uma sumidade que qualquer jornal honrar-se-hia de ter por colaborador.

E' pena que viva tão afastado do meio citadino porque, em Sernancêlhe, perde-se, o bom do Cándido.

A seguir, temos o santo do João Caldas, sacerdote muito virtuoso, duma honestidade extrema e muito amigo do próximo. E' o filho dilecto de S. Pedro... na terra.

Galardoando tamanha virtude, chegando-lhe aos ouvidos a fama da tal santidade, o seu arcebispo autorizou-o a não dizer missa e a residir fóra desta cidade.

E' pena que tamanha santo seja torto dum braço, facto este que o impossibilitou de ir para a guerra onde evidenciaria a pureza dos seus costumes.

Algumas vezes, aiasta-se rapidamente de Guimarães, para ir até Coimbra patentear o seu saber ou converter ovelhas tresmalhadas.

Completando o trio temos o Bento.

Curvai-vos, ó rapazes da minha geração—Ecce Homo.

Parabens aos «Ecos» e «Gil» pela aquisição do esperancoso e já consagrado jornalista.

E' subtil como um contrabandista, tem talento e promete.

Já no liceu de Guimarães ofuscou os condiscipulos pelo seu saber, pela concisão dos seus argumentos e pela argúcia de que era dotado.

Foi para Coimbra e a intelligencia que tem demonstrado traz atrapalhados os próprios lentes.

Rapazes da minha geração, curvai-vos ante o génio que se propoz destruir a «Razão».

Felicito mais uma vez os «Ecos» e «Gil» pela valiosa aquisição que fizeram.

Karl.

Será possível?

Que o pão de tipo *bijou* se venda já com as 50 gramas de peso?

—Que a P. S. do Tacho tenha alcoviteiras adjuntas?

—Que o rapazio continue a atropelar os transeuntes com os seus carros? E', porque os zeladores são muito pouco...zelosos.

—Que a luz eléctrica tenha andado um tanto ou quanto à mercê do Deus dará? Isto é da mãe Joana...

—Que os teatros voltem a funcionar sem os piquetes de Bombeiros? E'. Isto pertence ao sr Almeida...

—Que um jornal monarchico se tenha calado em tróco do fornecimento de energia eléctrica?

—Que o sr. vereador do pelouro das águas não autorisasse que esta fosse canalizada para a casa de um determinado cidadão sem que este comprasse no seu estabelecimento a respectiva tubagem?

—Que a semelhança do era e não era, a arrematação das baracas da Praça do Mercado fosse posta de parte só para servir um *tranfo* e bem assim prejudicar uma boa iniciativa? E'. Não que o peixe pode dar boas lúvas.

ERA DE UMA VEZ...

Era de uma vez um menino muito petulante e muito orgulhoso, que afirmava alto e bom som que iria rebater todos os artigos publicados em «A Razão».

Um dia, publicou no «Gil Vicente», o artigo «Solução Nacional», em que pretendia insultar duas das mais prestigiosas figuras da Republica. E tu, sem pretensões a literário ou intelectual (que nunca as tive, graças a Deus) em artigo com o mesmo titulo, mostrei-lhe a inconveniencia de atirar pedras ao telhado do vizinho, quando...

Esse artigo não saiu assinado, por uma razão muito simples: embora fosse eu quem o escrevesse, ele traduzia o sentir de todos os colaboradores de «A Razão».

O sr. Bento Caldas, (assim se chama o interessante menino) parece ter muito empenho em conhecer o meu nome, e sómente porisso éle ai vai, com todas as letras, no fim deste artigo.

Nesse artigo (como de resto o faço neste momento) esforcei-me por ser calmo. Evitei, tanto quanto possível, todas as frases irritantes que me ditava a minha injustificada indignação e a tal ponto o consegui, que a maioria dos colaboradores de «A Razão», o acharam pouco violento.

Não rebati a argumentação do sr. Caldas, por motivo de tal argumentação, conforme frisei, não existir.

Em resposta a esse meu artigo acaba o sr. Caldas de publicar no «Gil Vicente», um longo arrasoado, com o pomposo titulo: «Aos que me insultam» em que uma vez mais mostra a par da sua mácreação já muito nossa conhecida, a mais completa incapacidade jornalística.

Não, Caldinhas, «A Razão» não é uma foija de insultos. Aqui emprega-se toda a correção na discussão com todos os adversários leais e bem educados.

Mas o que «A Razão» não permite — e para isso é que ela se fundou — é que creaturas que dizem atacar os principios republicanos, em vez de o fizerem com correção, intelligencia e decencia, o façam usando uma linguagem despejada e ultrajante, insultando tudo e todos na certeza da impunidade. Isso não.

Que diz afinal o «Sr Bento em tudo aquilo? Nada, absolutamente nada.

Irígindo-se ao dr. David de Oliveira, despede-lhe uma meia duzia de coices tolos e descabidos, que portanto não atingem, tanto mais que se o dr. David alguma culpa tem (e essa nunca nós lha perdoaremos) é ter deixado passar no exame de História, uma criaturinha que no seu artigo «Os mortos falam», publicado no «Ecos de Guimarães», acaba de dar provas da mais crassa ignorancia.

Ao autor do artigo, naturalmente por o não conhecer, nada mais faz que chama-lhe alimaria e dizer que o artigo, literariamente, nada vale.

Agora que o Bentinho vai conhecer o nome do autor do artigo, vai-me, com certeza, virar a garupa e... zás, então é que vai ser o bom e o bonito.

Atenção, meus senhores, que o espectáculo vai principiar... Mas já agora, antes que éle comece, um pedido: Para variar o espectáculo e assim mais agradar ao publico, não se resuma a repetir tudo quanto nós dissemos, tanto mais que lá diz o adágio: «quem diz o que eu digo...» v. sabe o resto.

A propósito de neste jornal ter saído Pátria com p minu-culo, o que aliás é vulgarissimo e-ppecialmente em jornais que, como «A Razão», não possuem uma acurada revisão, permite-se o tal menino fazer remoques ao nosso patriotismo, sem se lembrar que ainda talvez éle usasse cueiros (se é que já os não usa) quando muitos dos colaboradores de «A Razão» não hesitaram em sacrificar a sua saúde e jogar a sua vida em defesa da sua Pátria.

Sómente agora reparo que vou já no fim do 4.º linguado e está portanto esgotado o espaço que «A Razão» por hoje me pode ceder.

Não posso, por isso, continuar a analisar o engraçadissimo escrito do sr. Caldas. Para outra vez será...

Que os nossos leitores me desculpem e ter-lhe tomado tanto tempo com um tão ridiculo personagem.

Gervásio Martins Campos de Carvalho.

MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS

...de ser nomeado Director-Delegado da «Mutualidade Geral de Seguros», nesta qualidade o nosso presadissimo sr. Miguel Antonio de Janeiro pelo que o felicito...

...em de actividade, andou a sociedade em o escolher para representante, porque é o melhor do que éle seria...

...de Mutua sociedade que... a melhor simpatia... não só pelo que... mas também... espirito de justiça com... apresenta.

...no Decreto n.º 5637 de... de 1919, que instituiu em Portugal o seguro obri-... contra desastres no tra-... «Mutualidade» tem o... simpatico por não

constituir um negocio de mera especulação, como succede com a maioria das indústrias de seguros.

E', com efeito, o melhor organismo segurador para o patronato, e sobre tudo, porque é o organismo que atualmente estuda e prepara o inicio em Portugal da Exploração dos ramos de seguros que mais interessam á economia nacional tais como: *garantia na produção agricola, garantia na construção civil, quebra de máquinas, etc., etc.*

Mas, devido á falta de espaço, impossivel desenvolver detalhadamente o que é a «Mutualidade Geral de Seguros», o que faremos nos próximos números.

Por hoje limitamo-nos a felicitar o sr. Neves Janeiro, e oxalá éle consiga, em Guimarães, o bom acolhimento de todos para com simpatia Sociedade.

CARTEIRA

Já se encontra entre nós, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Oliveira e Sá, dignissimo Reitor do nosso Liceu. Os nossos cumprimentos.

—Tambem já tivemos o prazer de cumprimentar o Ex.^{mo} Sr. Mario Menezes, digno professor da E. P. Superior, que regressou de Vila Verde.

—Regressou tambem de Vianna do Castelo, acompanhada de Sra. Ex.^{ma} Esposa e filhas, o nosso presado amigo e colaborador, sr. tenente Alvaro Cruz.

Já se encontra entre nós o nosso presado amigo, Ex.^{mo} Sr. Dr. Filinto Elísio Vieira da Costa, muito digno professor do nosso Liceu.

—Tambem cumprimentamos o nosso particular amigo e assinante sr. Augusto Pinto Areias, muita digno socio da firma «A. Loureiro & Com.ª», da cidade do Porto.

—Já regressou da viagem ao alto-Minho, o nosso querido amigo e assinante, sr. Gaspar Gonçalves Coelho, da Casa Bento Santos Costa & C.^a

ENFIM Cartas de um republicano

Meu Presado Amigo

Existe em Guimarães uma casta de jornalistas (?) mórtaes, que se não existisse necessario era creá-la.

São cómicos, são desbragados na linguagem, e no insulto, e são por vezes dum creancice e dum toleima, que faz nauseas ao mesmo tempo que tedio.

Abusam torpemente do meio em que vivem.

Verbi gratia, o «Comércio» afirmava num dos últimos numeros que Guimarães era essencialmente monarchica. Porque?

Porque assim o quer o «Comércio», e só por isso?

Supondo porém que seja assim, dando de barato que Guimarães seja uma cidade essencialmente monarchica, Guimarães não é o País. E o país é republicano.

Seja porém como fór, o que é certo é que esses jornalistas (?) abusam do meio, e precisam, uns de maior conhecimento das regras estabelecidas nos livros da civildade, e outros de mais lealdade nos processos de combate.

Mas não é isso o que vemos. Lér um jornal monarchico de Guimarães, o Eco e Gil especialmente, é produzir em nós mesmos a indignação e o nójo.

Não tem a menor noção do que é ou deva ser o respeito pelo Chefe do Estado, sacrificando assim o patriotismo para só desejarem o triunfo do seu salido ideal, conspurcam e vilipendiam os homens publicos, assaando-lhes as maiores infâmias, respigando dum ou outro jornal o que calha, mas apimentando com os seus ódios baixos e instintos inferiores.

São jornalistas, sem sabem qual a missão que se propõem desempenhar. Não comprehendem o predicado da critica imparcial. Atolam-se nos seus próprios insultos.

Mas dizem-lhes que é chic, que é fino, que é do tom e... pronto.

Enfim...

Lêdecê.

É realmente vulgarissimo ouvir-se (conforme V. me diz) fazer uma cerrada accusação aos parlamentos republicanos, afirmando-se a superioridade dos monarchicos e servindo de argumentos as scenas lamentaveis que por lá se tem dado.

Mas, como sempre, não tem razão os monarchicos quando tal afirmam.

Não quero com isto dizer que sejam inatacaveis os parlamentos da Republica.

Muito longe disso...

Muitas e muitas vezes se nos confrange o coração de patriota e republicano, ao ter conhecimento de muitas atitudes do parlamento (especialmente das oposições) que na verdade nem sempre são muito conformes com o bom senso e até ás vezes tem sido prejudiciais para o interesse da nação, embora os parlamentares, na sua totalidade illustres e dignos, julguem assim bem servir a Pátria.

O que eu afirmo e comigo toda a gente imparcial e justa é que os parlamentos monarchicos nunca foram melhores, debaixo de qualquer ponto de vista, que os republicanos.

O que eu afirmo e comigo toda a gente imparcial e justa é que os parlamentares da Republica sempre tem procurado bem servir a Pátria, tendo sabido marcar atitudes magnificas que nos dignificam e não se tendo poupado aos maiores sacrificios.

O que eu afirmo e comigo toda a gente imparcial e justa é que as scenas realmente lamentaveis, que se tem no Palacio de S. Bento são devidas ao temperamento excecionalmente meridional que nos caracteriza e que nestas condições não são apanagio deste ou daquele parlamento.

Confirmando tudo quando deixo dito, acho interessante citar-lhe aqui, um bocadinho de um artigo que o maior jornalista da mo-

narquia um dos seus mais illustres parlamentares e diplomatas, Emidio Navarro, escreveu nas «Novidades» em julho de 1888:

«.....»
Em Portugal, por uma mesquinha queção de lana caprina, porque o presidente não teve o milagroso condão de distinguir quem primeiro pediu a palavra no meio das uivadas e berçadas «peço a palavra» por que, escudando-se no regimento e no simples bom senso, não deixou engranzar requerimentos sobre requerimentos, e pronunciar discursos de legua e meia sobre o modo de propor exautora-se a presidencia apoda se o governo, capitula-se de sernil a maioria, floreteiam-se as tenazes dos fogões, quebram-se as carteiras, esmurraçam-se as cadeiras, põem-se os chapus na cabeça, assobia-se, grita-se, uiva-se de tal forma que, quem estiver nas galerias, mais julga que aquilo é uma lioneira de feras do que uma assembleia de homens investidos em gravissimas funcções.

Oultimo grifado é nosso. E, como vê o meu amigo, um lindo espetaculo que tás magistralmente nos pinta Emidio Navarro e que tão vulgarmente se passava nos parlamentos da monarchia.

E assim, eu poder-lhe-ia lembrar uma imensidade de factos passados nos parlamentos monarchicos, multissimo mais graves que aqueles que tem servido de base para os injustos ataques que a cada passo vemos fazer aos parlamentos republicanos.

Mas o tempo e o espaço escasseiam e por este motivo sou forçado a despedir-me até á semana apresentando-lhe os meus sinceros cumprimentos.

Seu muito amigo
Mário.

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Miudezas

DE

Matos, Teixeira & C.^a

88 - Praça de D. Afonso Henriques - 88

GUIMARAES

Productos

SHELL

Os melhores

MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS

SÉDE EM LISBOA

3 - Rua do Largo do Corpo Santo - 3, 3.º

INSCREVENDO-SE

NA

Mutualidade Geral de Seguros

O patronato coloca-se a coberto de todas as responsabilidades da lei de desastres no trabalho, a troco dos menores encargos.

LUCROS DIVIDIDOS POR TODOS OS SEGURADOS :
QUE SERÃO AO MESMO TEMPO SÓCIOS DA EMPRESA

Director-Delegado em Guimarães:

Miguel Antonio Neves Janeiro.

FARMACIA NORMAL DE GUIMARAES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de productos quimicos e especialidades farmaceuticas;
solutos esterilizados, cuidadosamente doseados.
Aviamento escrupuloso de receitauário medico e com productos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutuaidade Portuguesa
 } O Trabalho

Oficina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

— DE —

Clementino Machado

Mêdêlo - FAFE

Concerta só as vassouras

fabricadas nesta oficina

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

V A G O

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARAES



GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

Largo do Prior do Crato, 54 — (junto às escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalmente habilitadas

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Módas e miudezas

Fazendas brancas

LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

RECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

“A RAZÃO,”

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 500 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 20

especial

Ao Cidadão